

BRICS: Os tijolos para o futuro do conhecimento

Marcia Barbosa

Há algumas décadas, os países dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) têm sido apontados como protagonistas de uma nova geopolítica mundial. Apesar de partirem de um patamar similar, a China vem se consolidando como uma nova liderança global em tecnologias, enquanto a Índia se tornou um expoente na produção farmacêutica. A Rússia, apesar dos desafios de ser um país isolado e recentemente em guerra, tem apresentado uma modernização científica e industrial impressionante. Para a juventude desses países, estudar é uma garantia de prosperidade.

O Brasil e a África do Sul, com projetos de desenvolvimento menos estruturados, possuem produção de conhecimento significativa em algumas áreas. Na UFRGS, a produção em parceria com países do grupo BRICS ainda é tímida e, como mostra a Figura, teve crescimento com a entrada da universidade nas grandes colaborações em física de altas energias — o que ocorreu por meio de colaborações com o Norte Ocidental.

Qual seria a vantagem de uma maior interação com os países do BRICS? O grupo oferece uma diversidade de nações que nos permitiria ter um leque mais amplo de opções e nos deixaria menos expostos a mudanças geopolíticas, como as que enfrentamos atualmente em relação aos Estados Unidos.

Como mostra a Figura, a produção científica conjunta entre pesquisadores da UFRGS e cientistas russos vem diminuindo, como consequência da expulsão dos cientistas russos do acelerador CERN. Reconhecendo que a ciência não tem fronteiras, a primeira missão internacional desta gestão foi uma visita a universidades e laboratórios russos, a qual resultou em um Memorando de Entendimento (MOU) atualmente em tramitação com o Joint Institute in Nuclear Research em Dubna. Além disso, foram realizadas visitas à Índia e à China nos meses seguintes.

Um outro exemplo de que a ciência não rima com subserviência foi o ousado projeto de circunavegação do Polo Sul, realizado no início deste ano pelo Centro Polar, coordenado pelo colega Jefferson Simões. Apesar das ameaças de bloqueio, a missão foi conduzida com sucesso a bordo de um navio quebra-gelo russo e com a participação de cientistas brasileiros, russos, chineses e indianos.

Essa visão de uma ciência baseada em parcerias igualitárias e estratégicas se consolidou em dois eventos recentes. O primeiro ocorreu no dia 3 de maio, em Brasília, durante um encontro entre reitores e reitoras do Brasil e representantes de universidades chinesas. O segundo evento, de 5 a 7 de maio, no Rio de Janeiro, foi realizado entre universidades dos países do BRICS. Os dois eventos geraram parcerias que estão sendo consolidadas.

A cooperação entre instituições de pesquisa dos países do BRICS certamente irá construir cenários futuros da fronteira do conhecimento. A UFRGS, reconhecida como a melhor universidade federal do país segundo o MEC, certamente será protagonista nesse processo.